

Outros percursos de Clio: As representações de cidades piauienses na obra *Caatingas e Chapadões*, de Francisco de Assis Iglésias (1912-1919)

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.007-090>

Gustavo Cleon Marques Nascimento

Mestrando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí

Pedro Pio Fontineles Filho

Doutor em História Social (UFC). Professor Permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História da UESPI. (ProfHistória/UESPI). Professor Permanente do

Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (PPGHB/UFPI). Mestre em História do Brasil (UFPI). Especialista em História do Brasil (UFPI). Graduado em Licenciatura Plena em História (UESPI). Graduado em Letras-Inglês (UFPI). Diretor de Departamento de Pós-Graduação, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROP/UESPI, desde 2018. Atualmente, é Professor Adjunto - Dedicção Exclusiva da Universidade Estadual do Piauí.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo principal de compreender as representações das cidades piauienses nos anos de 1912-1919 descritas por Francisco de Assis Iglésias em sua obra “Caatingas e Chapadões”, de 1953. Dessa forma, alguns objetivos específicos são pertinentes para a pesquisa, como: discutir sobre os traços (auto) biográficos e memorialísticos do escritor na sua narrativa; inferir acerca das relações entre as noções de espaço e espacialidades, tempo e temporalidades na obra do escritor; analisar a narrativa do livro Caatinga e Chapadões em suas aproximações e distanciamentos entre História, Memória e Literatura. Logo, como arcabouço metodológico, a obra é analisada junto a leituras teórico-metodológicas sobre os principais eixos de inferência, literatura, memória e cidade essenciais para exploração satisfatória da pesquisa. Para o aprofundamento desses ramos acadêmicos faz-se necessário a leitura de autores como, Marc Bloch(1997), Euclides da Cunha(1984) Peter Burke(1992), Raymond Williams (1989), Ítalo Calvino (2003), Pedro Pio Fontineles Filho(2008) Teresinha Queiroz(1994) Erisvaldo Fagundes(2015) e Durval Muniz(2018), Alinhada aos autores, a pesquisa também utiliza relatórios governamentais do Piauí dos anos de 1912-1919 dos políticos Miguel de Paiva(1913-1915) e Euriclides Clementino(1917-1918) para contrapor a visão do autor, visto que o seu livro é a principal fonte desta pesquisa. Nesse ínterim, a consideração prévia pontua que a pesquisa reconstrói os espaços percorridos por Iglésias, apresentando as condições presentes na época que compõem as cidades e a cultura piauiense. A memória desses cenários percorridos preserva seus estranhamentos e representações em relação às paisagens de cidades como Teresina, Parnaíba, Uruçuí e Floriano. Então, “Caatingas e Chapadões” constitui um lugar de memória, uma fonte rica para a pesquisa histórica, que traz uma narrativa romanceada, que transcende o teor técnico de um engenheiro agrônomo, pois, tem como plano de fundo o urbano, o rural, as culturas e questões políticas presentes no início do Século XX.

Palavras-chave: História, Literatura, Memória, Representações, Cidade.



1 INTRODUÇÃO

[...]Como sinto um encanto, uma atração irresistível, para as coisa do passado, pois a nossa vida nada mais é que um momento da sucessão de vidas através da célula imortal[...]¹

A escrita surge como uma ferramenta desenvolvida pelos homens e que rompe o limiar da morte, preservando um fragmento do tempo para a nova geração, conservando os paradigmas de quem escreve, guardando informações das origens das sociedades passadas e suas representações em escritos ficcionais e/ou memorialísticos. Dessa forma, o ramo da História e Literatura problematiza a escrita ficcional e extrai da sua subjetividade discussões que enriquecem o cenário histórico mundial, as paisagens descritas nas obras literárias são fontes nas quais os historiadores devem beber, como dizia Marc Bloch², “[...] por detrás dos traços sensíveis da paisagem(...) são exatamente os homens que a história pretende apreender”³. Logo, são indicativos daquilo que o homem cria, usa e transforma, bem como ressignifica e sente.

É sobre essas possibilidades de representação e de reconstrução da paisagem que a obra de Francisco de Assis Iglésias, intitulada “*Caatingas e Chapadões(1953)*”⁴ é tomada no presente estudo, já que em sua narrativa, há traços de aproximação entre História, Memória e Literatura. Desse modo, é útil expor a biografia do escritor, ele nasceu no dia 06 de janeiro de 1889, na cidade de Piracicaba e faleceu no dia 13 de julho de 1969, foi filho de imigrantes espanhóis, e se formou como engenheiro agrônomo. Sua formação lhe rendeu a atuação em setores ligados à questão da maníçoba e posteriormente na gerência de terras da união dentro do Piauí, e foram nessas jornadas pelo Sertão, que nasceria seu diário de viagem para o nordeste brasileiro, com passagem por várias cidades piauienses.

Dessa viagem, como um fruto do seu trabalho, nasceu o livro *Caatingas e Chapadões (1953)*, em que as cidades de Parnaíba, Teresina, Floriano, Santa Filomena, Uruçuí, dentre outras⁵, ganham destaque, ele navega a bordo do Navio “Brasil” que o transporta do Rio de Janeiro até Fortaleza, local que dá acesso ao Rio Parnaíba e segue por uma gaiola⁶, o meio de transporte era perfeito para as condições do Norte, já que o rio era muito estreito para grandes embarcações. Assim, o recorte da pesquisa vai de 1912, na primeira viagem do autor a convite do Professor Charropin⁷ para a realização

¹ IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953, p.14.

² BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa: Europa-América, 1997.

³ IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953, p. 88.

⁴ IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

⁵ Demais cidades como, Oeiras, Amarante, Bom Jesus, Coroatá, Barra Grande.

⁶ “Gaiola” - na nomenclatura popular. É uma embarcação de tamanho médio, que carregava pessoas ou mercadorias, os passageiros geralmente dormiam em redes no convés. Era usado principalmente na travessia de rios estreitos

⁷ Professor de botânica na escola agrícola “Luiz de Queiroz” de Piracicaba e chefe da comissão destinada a Juazeiro da Bahia.

do plano de proteção à cultura da borracha já que o látex era uma das principais matérias primas para a goma elástica, passando por grandes acontecimentos mundiais como a Primeira Guerra Mundial⁸ de 1914 e a Gripe espanhola⁹ ocorrida em 1918 e se estendeu até 1919, o último ano do recorte da presente pesquisa pós pandemia de Influenza na última jornada registrada no livro ao Piauí a serviço do Instituto Butantã¹⁰.

Suas anotações vão além do estudo agrônômico, como Iglésias fez questão de expor logo na apresentação do livro, “Além das observações agrônômicas que me interessavam mais de perto, não perdi a oportunidade de colher informações sobre o modo de viver do homem nas regiões por mim percorridas”¹¹. Assim, ele esclarece que sua escrita seria marcada pela curiosidade e atenção para registrar um pouco sobre a cultura de um paulista que vislumbra um pouco do homem piauiense.

Dessa forma, os objetivos que o presente estudo contempla têm como sua principal meta expor a história, a memória e as representações de cidades piauienses, na obra *Caatinga e Chapadões(1953)*, de Francisco de Assis Iglésias. Debatendo sobre as representações da cidade representada pelo autor e comparando com os relatórios governamentais do Piauí.

1.1 IGLÉSIAS, O VIAJANTE: TRAJETÓRIAS BIOGRÁFICAS

Joseph Campbell¹² é autor e escritor americano que criou a teoria da jornada do Herói¹³, que consiste em um tema universal presente nos mitos e literaturas fabulosas de todo o mundo. Ele acreditava que essa jornada refletia a própria jornada da vida humana, na qual cada indivíduo passa ao longo da vida, enfrentando desafios, buscando realizações, aprendendo no caminho e impactando o mundo. As três principais fases da jornada do herói seria o chamado para a aventura, os desafios e aprendizados no caminho e a chegada do herói ao seu objetivo e realização. Parafraseando a teoria de Campbell e a aproximando do autor Francisco Iglésias, vemos uma semelhança com a teoria, visto que ele sai de São Paulo para o norte, encontra os desafios dos nordestinos e volta para sua cidade com

⁸ A Primeira Guerra Mundial foi um conflito envolvendo vários países entre 1914 e 1918.

⁹ A gripe espanhola foi uma pandemia que aconteceu entre 1918 e 1919, atingindo todos os continentes e deixando um saldo de, no mínimo, 50 milhões de mortos

¹⁰ O Instituto Butantan é um destacado centro de pesquisa biológica localizado no bairro do Butantã, na zona oeste da cidade de São Paulo, adjacente ao campus Cidade Universitária da Universidade de São Paulo

¹¹ IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953. p. 23

¹² Ele nasceu em Nova York em 1904. O jovem Campbell foi com o pai ao Museu Americano de História Natural, onde começou a se interessar por tudo relacionado à cultura dos índios nativos americanos, se formou em Literatura Inglesa na Universidade de Columbia em 1925, onde também concluiu o Mestrado em Literatura Medieval em 1927. Enquanto permaneceu nesta Universidade, fez duas importantes viagens ao México e à Guatemala. Mais tarde, ele viajou para a Europa e conheceu o filósofo e escritor Jiddu Krishnamurti. Após esse encontro, viajou para a Índia e começou a se interessar por filosofias orientais, especialmente o budismo.

¹³ A jornada do herói, vida e obra de Joseph Campbell foram abordados em forma dialogada sobre a biografia do autor e sua teoria sobre a jornada.



conhecimentos que deram origem a *Caatingas e Chapadões*. O presente tópico visa introduzir o viajante que criou a obra e parte de sua história antes de sua ida ao Norte¹⁴.

A obra cerce do presente estudo foi escrita por Francisco de Assis Iglésias, filho de imigrantes espanhóis. Sua mãe se chamava Anna Iglésias e seu pai João, o tiveram no dia 6 de Janeiro de 1899 em Piracicaba, situado no interior de São Paulo onde passou sua infância e juventude. Em parâmetros gerais, o Brasil daquela época se encontrava em situação de busca pela própria identidade, com a recente abolição da escravatura graças à lei Áurea¹⁵ que modificou a dinâmica econômica do país, exigindo a demanda por mão de obra estrangeira nas fazendas. Seus pais conseguiram condições para que Iglésias tivesse o privilégio da educação dentro de uma sociedade majoritariamente analfabeta e miserável economicamente.

Nesse contexto, estudou durante a infância na escola do grupo Ipiranga¹⁶, em sequência ingressou na escola Luiz de Queiroz¹⁷, onde se formou em agronomia, uma área que tinha muita relevância levando em consideração o lento processo de modernização brasileiro, inicialmente restrito aos grandes centros urbanos e dependente dos trabalhos rurais. Depois da sua jornada de formação acadêmica, começa a trabalhar pelo Instituto Butantã, onde se estabelece profissionalmente até ser convocado, em 1912, pelo professor Emílio Charroupin¹⁸ para trabalhar com a borracha, especificamente o látex, que era um forte expoente econômico durante o século XIX e XX, alvo de pesquisas como as de Teresinha Queiroz¹⁹ sobre a importância da Maniçoba, e que precisava de cuidados para sua produção. Iglésias foi um dos delegados para assegurar o sucesso dessa produção, como o mesmo cita logo em início da obra: O governo federal organizou um plano de proteção à cultura da borracha; várias comissões seriam instaladas nos diversos estados nortistas produtores do precioso látex, que é a matéria prima da goma elástica.²⁰

Essa missão evidenciava uma preocupação econômica na exploração dessas atividades, ao mesmo tempo em que ressalta a importância do Norte para a economia nacional. No entanto, também colocava em destaque o descaso em relação ao desenvolvimento e à infraestrutura da região norte do país. Pois, as equipes eram enviadas para cidades que parecem “estar paradas no tempo”, comparada com as grandes regiões metropolitanas como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais que continuavam a crescer e prosperar.

¹⁴Norte é o termo utilizado pelo autor para se tratar do Nordeste e dos seus habitantes, durante a pesquisa, Norte e nordeste serão amplamente citados, seguindo a regra que Norte é usado quando se trata de algo relacionado a Iglésias e Nordeste retratado pelo autor da presente pesquisa. O Termo vai ser aprofundado no capítulo 2 nas discussões de história e cidade.

¹⁵ Lei áurea foi a responsável pela abolição da escravatura no Brasil em 1888

¹⁶ Grupos de escolas criados por moradores do Bairro Ipiranga.

¹⁷ Em 1901 foi criada, aos moldes das escolas agrícolas europeias, a Escola Agrícola Prática São João da Montanha, em Piracicaba. Incorporada à recém-criada USP em 1934, foi renomeada como Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), cuja sede é tombada como Patrimônio Público Estadual.

¹⁸ Chefe da Seção de Botânica da Comissão de Defesa da Borracha de Juazeiro

¹⁹ A importância da borracha de Maniçoba na economia do Piauí 1900- 1920

²⁰ IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e Chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953. p.20

O objetivo do serviço de proteção a borracha, não era para mitigar as disparidades entre as regiões brasileiras e a falta de investimentos em infraestrutura e desenvolvimento no Nordeste. Visto que tinha a finalidade de exploração econômica, que embora importante, não pode assumir prioridade ao ponto de negligenciar as necessidades das regiões menos desenvolvidas. Ao mesmo tempo que as grandes metrópoles avançavam e se beneficiam de avanços econômicos e infraestrutura, as cidades no Nordeste ficaram estagnadas, sem receber a devida atenção e os recursos necessários para seu progresso e quando recebiam, no caso da vinda do engenheiro para o Sertão, tinham a finalidade de proteger a economia nacional e não ajudar a região a enfrentar seus problemas cotidianos.

1.2 ENTRE LÉGUAS, LEMBRANÇAS E LETRAS: AS REPRESENTAÇÕES DAS CIDADES PIAUIENSES NA OBRA DE IGLÉSIAS

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia -o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante²¹

Em *Os Sertões* de Euclides da Cunha²², a História se encontra com a Literatura. Na obra, o autor viaja de São Paulo para cobrir a Guerra dos Canudos²³ no Nordeste do país, com um olhar crítico em e retratou sobre o cotidiano das paisagens pelas quais percorreu. Assim como Iglésias, Euclides tem um estranhamento pela situação do Sertão e do Sertanejo. Em seu capítulo “A Terra”, no qual é descrito sua percepção das condições do ambiente, as caatingas causam uma sensação agonizante de uma passagem que luta para sobreviver às condições climáticas de secas violentas e inundações nessa região sem preparo, que sujeitava tanto os indivíduos como a natureza a uma luta cotidiana pela sobrevivência.

Como o próprio Euclides define, “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”²⁴. Apesar de serem fortes, os nordestinos se encontravam desamparados. A força do nordestino resultava das lutas diárias pela sobrevivência, buscando melhores condições que deveriam ser asseguradas pelo governo. Classificar o sertanejo como um forte é ignorar, por um lado, a miséria enfrentada pela maioria da população e, por outro lado, reconhecer o seu esforço em resistir diante de tantas dificuldades.

²¹ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante). p.23

²²Euclides da Cunha (1866-1909) foi um escritor, jornalista e professor brasileiro, autor da obra "Os Sertões". Foi enviado como correspondente ao Sertão da Bahia, pelo jornal O Estado de São Paulo, para cobrir a guerra no município de Canudos. Seu livro "Os Sertões", narra e analisa os acontecimentos da guerra.

²³Guerra de Canudos foi uma série de conflitos armados envolvendo o Exército brasileiro e sertanejos que seguiam o líder religioso Antônio Conselheiro, tendo ocorrido entre 1896 e 1897, no Arraial de Canudos, interior do estado da Bahia. O Brasil passava ainda pela transição para o sistema republicano, tendo acabado de eleger seu primeiro presidente por voto direto e, também, o primeiro presidente civil: Prudente de Moraes

²⁴CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante). p.40

Iglésias ao longo de *Caatingas e Chapadões* também se põe em frente aos cenários cotidianos do Sertão, seus comentários vão além da fauna e da flora, também passa pelas paisagens urbanas do Norte, se aprofundando em questões de gestão pública como a saúde, a iluminação, o saneamento que no Sul já se encontrava em outro estado de modernização, enquanto no destino de sua viagem, o progresso ainda não havia encontrado o caminho. Nas palavras do engenheiro agrônomo, algumas cidades tinham “poucos indícios de progresso”²⁵, “menos favorecida pelo progresso”²⁶. Ou seja, sua escrita contempla os aspectos naturais e humanos, se baseando nas suas origens que, assim como Euclides da Cunha, define sua referência sobre o que era o progresso.

Em *Caatingas e Chapadões*, Iglésias assume o trabalho dentro do Ministério de Produção a Borracha no Piauí e acaba fazendo comentários de cunho pessoal sobre as condições das cidades do Sertão. Nesse contexto, essas pontuações se localizam nos primeiros contatos com o autor nas cidades para inserir o leitor na paisagem o envolvendo na narrativa. O autor residia no Sul do país, que era considerada a primeira parada do progresso, então, parafraseando Raymond Williams²⁷ em sua obra, “Cidade e o Campo”²⁸ que escreveu, “mesmo depois de a sociedade tornar-se predominantemente urbana, a literatura, durante uma geração continuou basicamente rural”²⁹, por mais que o autor estivesse falando da literatura, pelas passagens de Iglésias é notório que a cidade urbana ainda não havia tocado as regiões do Norte que se encontravam em um processo de transição ao longo dos anos que Iglésias revisitou.

Contudo, ao partir do Sul ao Norte carregado de preceitos e preconceitos, Iglésias adentra consciente, ou inconscientemente, no debate de Durval Muniz em sua obra “A invenção do Nordeste”, pois antes mesmo de enxergar a ausência do progresso presenciado na sua região de origem, ele desconhece a batalha árdua dos nordestinos contra a política de poder centralizado e contra a natureza, como revela Muniz,

No discurso regionalista, o descaso do Governo Federal e o privilégio a outras regiões eram o que explicava a decadência da região e a pobreza da sua população, não era o homem nordestino que seria inferior racialmente ou mesmo indolente, preguiçoso, sem atividade. Como acusar de indolente um homem que travava uma batalha secular com a natureza e que nesta batalha se tornou, acima de tudo, um forte e capaz, embora endurecido e áspero. A elite regional além de naturalizar os problemas sociais e econômicos deste espaço, ao falar de um nordestino genérico, que incluiria buscar defender a própria natureza regional acusada de ser

²⁵ IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.p.281.

²⁶ IGLÉSIAS, Francisco. op. cit. 1953, p. 38.

²⁷ O pesquisador, crítico e escritor galês Raymond Williams nasceu no dia 31 de agosto de 1921, no pequeno vilarejo de Llanfihangel Crucorney, no País de Gales, localizado no Reino Unido. Seu pai trabalhava em uma ferrovia e, como seus colegas, apostava no Partido Trabalhista Britânico. Na localidade em que viviam, o idioma galês não era praticado, embora a tradição galesa fosse intensa. Se tornaria um dos principais estudiosos e criadores dos estudos culturais, e despontaria como um nome significativo nesta esfera na Nova Esquerda inglesa, no período que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial. Ele elaborou estudos sobre literatura, teatro e televisão, sempre procurando compreender estes veículos tanto do ponto de vista da cultura erudita, quanto da cultura popular, sem deixar de lado a famosa indústria cultural.

²⁸ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

²⁹ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 12.

inviável para a vida humana. No congresso nacional os parlamentares do sul propunham a evacuação da região semiárida, alegando não ser prudente continuar-se gastando vultosas quantias de recursos federais para manter uma população vivendo num mundo meio onde não era possível o desenvolvimento das atividades produtivas³⁰

Ou seja, o historiador revela como o Nordeste e o nordestino são invenções de determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente³¹. Isso significa que, os estranhamentos do forasteiro Iglésias e sua escrita de empatia sobre os males que assolam a região, como a seca e a pobreza, ressaltam as relações de poder entre o Governo Estadual e Federal, que, por descaso ou inadimplência, não via valor em investir no Nordeste do país, nas falas de Durval Muniz, “Nós, os nordestinos, costumamos nos colocar como constantemente derrotados, como o outro lado do poder do Sul, que nos oprime, discrimina e explora”³².

Essa dialética do "Nós" e "Eles", povo do Sul e povo do Norte fica explícito em *Caatingas e Chapadões*, pois ao decorrer da obra, o Sul é a referência enquanto o Sertão é a resiliência. Iglésias caracteriza o progresso como algo da sua região e a força ao povo nordestino, exemplificando como o país estava - e ainda está - marcado por preconceitos e regionalismos que separam a identidade brasileira.

Outra situação que mostra essa dicotomia foi o motivo da vinda do viajante ao Sertão, para explorar e desenvolver o expoente econômico que alavancaria a economia brasileira, ou seja, o Nordeste servindo como caminho de exploração para o Sul e não como uma região digna de se ter como prioridade o desenvolvimento urbano, visto como, pelo próprio engenheiro como uma parte do país que sofre com as secas a muitas décadas e ainda não tinha condições, conhecimento ou investimento para lidar com essa problemática que impactava na agricultura e agropecuária local. Colocando o sertanejo como um objeto refém do seu governo, do seu clima e da própria sorte.

No momento em que o engenheiro agrônomo faz comentários sobre as cidades, abre-se uma margem para problematizações sobre o estado e infraestrutura dessas paisagens sertanejas, o autor passa por mais de 10 cidades piauienses³³. Em regra geral, seus comentários variam de tamanho entre 3 parágrafos a 4 linhas, algumas cidades, como foram revisitadas mais de uma vez, como por exemplo, Teresina, criam uma ideia de progressão, onde a cada visita o autor elucida mais um detalhe ou uma mudança a respeito do que havia visto anteriormente.

Logo no início da obra de Iglésias, em sua primeira viagem ao Sertão em meados de 1913 a bordo do gaiola e passando por paisagens naturais típicas da região, como os "igarapés, circulando os deltas, parecendo caminhos de grandes parques cujo os canteiros estavam “cobertos de áreas

³⁰ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez. 2011. p.166.

³¹ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez. 2011. p.31.

³² ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez. 2011. p.31

³³ Parnaíba, Teresina, Amarração, Floriano, Santa Filomena, Caxias, Uruçuí, Bom Jesus, Regeneração, Amarante, Água Branca.

homogêneas”³⁴. Para o autor, a primeira coisa relatada foi o traço cultural da rivalidade entre os moradores de Teresina e Parnaíba, onde os sertanejos contam que na capital, “pouca coisa se encontra para comer”³⁵. Apesar da fala do nativo, Iglésias contrapõe com os comentários sobre a infraestrutura, deixando claro ao leitor que os sertanejos de Parnaíba também estariam em maus lençóis.

A falar do viajante foi que, "Parnaíba, apesar da vaidade dos parnaibanos eram cidades pequenas, ruas mal calçadas ou sem calçamento algum. Não tinham esgoto, nem água; esta que era transportada por jumentos do rio as residências”³⁶Dessa forma, no início da obra o autor já tem o primeiro contato com uma paisagem urbana piauiense e a classifica como pequeno e sem condições básicas, onde os “jegues” andam livremente e que pelo menos à primeira vista, não existia fiscalização. Na cidade também se encontrava o porto, com a presença da Alfândega e repartições próprias de porto de mar, como casas comerciais de primeira ordem, para a exportação e importação.

Aproximadamente 18 quilômetros de Parnaíba se encontrava Amarração, a cidade também tinha um porto, foi relatado por Iglésias que estava em conclusão do primeiro trecho ferroviário do Estado, em contato com um morador, ele diz, “Já não se pode dizer que o Piauí não tem um palmo de estrada de ferro”³⁷. Parafraseando a frase do piauiense, para Iglésias, existe, pelo menos, um palmo do processo de modernização no estado. No entanto esse palmo de progresso era curto pois na visão do viajante,

O porto de Amarração era muito deficiente; não tinha instalações apropriadas para o fim que deveria preencher, nem o mar profundo capaz de permitir! a entrada de navios como o "Brasil". Só os pequenos navios do Lóide, como o "Iris", podiam entrar. Na saída do "Igaraçu" vi muita armadilha, em forma de cercado de páu a pique, para apanhar peixe.³⁸

Suas observações brincam com as palavras e as condições da cidade, pontuando que além da fraca estrutura, Amarração ainda não havia vencido a própria natureza que a cercava, como disse Iglésias, “Amarração, se não fôr amarrada, o mar, auxiliado pelas areias das dunas, terminará tragando-a. As águas iam avançando e destruindo ruas e casas, numa lenta, mas contínua invasão.”³⁹. Ele também fez referência a Cartago⁴⁰ para enfatizar a urgência de passarem por essa situação, pois as águas deixavam claros sinais de conquista dizendo que se a situação não for resolvida, “poder-se-á um dia colocar um letreiro - Aqui foi Amarração.”⁴¹.

³⁴ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.28

³⁵ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.28

³⁶ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.29

³⁷ IGLÉSIAS, Francisco. op. cit. 1953,p.30.

³⁸ IGLÉSIAS, Francisco. op. cit. 1953, p. 30.

³⁹ IGLÉSIAS, Francisco. op. cit. 1953, p. 31.

⁴⁰ Cartago foi uma importante cidade do norte do continente africano na Antiguidade. Estava localizada na região costeira do Mar Mediterrâneo, próxima à capital da atual Tunísia (Túnis). Porém, a civilização cartaginesa chegou a habitar também o norte da Península Ibérica, ilhas do Mediterrâneo e várias localizações na costa norte africana.

⁴¹ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p. 31

Assim como Ítalo Calvino em *idades invisíveis*, que por meio de Marco Polo, revive, reconstrói e relaciona as cidades em sua obra, Iglésias também realiza tal feito ao referenciar outras cidades como modelo, criando momentos em que o real e o imaginado assumem a dianteira para a construção e a imaginação da cidade para o leitor. Citando as palavras de Polo: "Eu falo, falo - diz Marco -, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. [...] Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido."⁴². Nesse sentido, as cidades dentro de uma narrativa literária são revividas através das palavras dos personagens, permitindo que o leitor crie uma representação do que foi escrito.

Em conjunto, as duas obras fazem com que o passado das cidades invisíveis seja reconstruído tanto pelo leitor quanto pelo personagem, sendo idealizado e modificado à medida que eles experienciam mais em suas jornadas, assim, cada nova cidade, "o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: uma surpresa daquilo que deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos."⁴³. A presente discussão trabalha em paralelo o viajante para fornecer uma perspectiva além da visão do autor, transformando as cidades reconstruídas em *Caatingas e Chapadões* em cidades problematizadas pelo Olhar de *Clio*.

Dessarte, o viajante faz esses comentários e parte rumo a Teresina a bordo do gaiola, e com esses comentários acerca dessas duas cidades, fica evidente a presença da formação e influência histórica do passado de Iglésias que por conta dos seus privilégios e letramento, enxerga soluções para situações que ainda estão sendo enfrentadas com muitas dificuldades pelo governo estadual, em paralelo, sente falta de detalhes dentro das paisagens urbanas no que diz respeito às condições mínimas nas quais a sociedade tem o direito de ter.

A viagem até Teresina é marcada por incertezas, a bordo do gaiola, ele questiona sobre o tempo que vão demorar até a chegada e o capitão da embarcação deixa claro que nem mesmo ele sabe, devido às incertezas marítimas do Rio Parnaíba. Antes da chegada em seu próximo destino, no interlúdio das paisagens rurais, Iglésias escreve mais uma passagem a respeito da natureza presente no caminho, no canto dos pássaros, "as árvores carregadas de ninhos, parecendo moedores de café"⁴⁴, com ninhos que "tocavam a água do rio"⁴⁵. Dessa forma, os caminhos percorridos pelo viajante, em alguns momentos parecem passar por paisagens intocadas pelo homem, preservando os aspectos naturais no qual o homem era apenas uma visita em sua casa. A violência da modernização e a chama do progresso capitalista não havia chegado em certas partes do Piauí, o que colabora para que *Caatingas e Chapadões* seja um relato de viagem ímpar como fonte histórica, por ter traços urbanos e rurais em uma obra só, a natureza, assim como as cidades e as pessoas revivem ao leitor que enxerga e atribui significado às experiências através das lentes do viajante.

⁴² CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003. p.129.

⁴³ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003. p.35

⁴⁴ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.34

⁴⁵ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.34

Sua chegada em Teresina foi categorizada por ele como a “menor e a menos favorecida pelo progresso”⁴⁶. Iglésias estranha que as casas ainda eram de palha, com somente 500 casas em média com algum resquício de paisagem urbana. Com isso, o leitor é informado dos perigos que a cidade passava no caso de um incêndio. “Quando pega fogo numa casa, o incêndio se propaga com rapidez incrível, pela rua toda, pois, além de o fogo ser verdadeiramente de palha, não havia bombeiros na cidade.”⁴⁷, A própria capital teria o sistema de iluminação à lampião de querosene, o que causou uma sensação de atraso ainda maior a Iglésias, “esse fato, justamente à tarde de nossa chegada, nos impressionou muito mal; não estávamos mais acostumados a ver iluminação tão obsoleta.”⁴⁸

A ausência da iluminação, que foi um dos símbolos do progresso da cidade era um desafio anterior a ida de Iglésias, pois era preciso, instalar um serviço de iluminação pública mais de acordo com a civilização, a iluminação a querosene já estava ficando obsoleta nos grandes centros urbanos e permanecia ativo na capital. Era necessário por um sistema mais moderno e mais satisfatório, visto que a Luz é um recurso que diz muito sobre a condição da cidade.

No caso de Teresina, a batalha de implementação de luz elétrica foi iniciada no governo de Antonino Freire na capital. A cidade, como disse Pedro Pio Fontineles Filho em sua dissertação de mestrado “Desafiando o olhar de Medusa”⁴⁹ que analisa o processo de modernização da capital por meio dos escritos de Clodoaldo Freitas⁵⁰ e periódicos da época.

A história da cidade e da cultura no período dos momentos iniciais do século XX, é marcada por um projeto modernizador e controlador das cidades e modelador dos costumes dos indivíduos. Todavia, isso não se deu de maneira uniforme, nem atingiu a toda população, almejando cada vez mais aqueles que não faziam parte das elites políticas e econômicas ou a elas não estavam vinculados.⁵¹

Ou seja, a urbanização estava dividida entre aqueles que “ que continuavam sem ter acesso ao abastecimento de água, sem iluminação elétrica, sem melhorias habitacionais, principalmente pelo fato

⁴⁶ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.37

⁴⁷ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.37

⁴⁸ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.37

⁴⁹ FONTINELES, Pedro Pio Filho. Desafiando o olhar de Medusa: a modernização e os discursos modernizadores em Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina, 2008. 170. f . Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, 2008.

⁵⁰ Nasceu em Oeiras (PI), a 7 de setembro de 1855, e faleceu em Teresina, a 29 de junho 1924. Fez os primeiros estudos e os de Humanidades em São Luís, no Seminário das Mercês e no Liceu Maranhense, concluindo-os no Liceu Piauiense, no ano de 1870. Em 1880 colou grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Residiu em diversas localidades no território nacional, a exemplo do Rio de Janeiro, Mato Grosso e Pará, onde exerceu importantes funções. Transferiu-se para São Luís no início do século XX, e aqui teve atuação intelectual de tal relevo, que, embora não sendo maranhense, figurou entre os fundadores da Academia. De volta à sua terra, participou da fundação, em 1917, da Academia Piauiense de Letras, da qual foi o primeiro presidente. Desembargador do Tribunal de Justiça do Piauí. Escritor prolífico, de quem apenas serão citados estes romances históricos, originalmente publicados em jornal: *O Bequimão; esquisso de um romance maranhense*, e *O Palácio das Lágrimas*, pela primeira vez enfeitado em livro.

⁵¹ FONTINELES, Pedro Pio Filho. Desafiando o olhar de Medusa: a modernização e os discursos modernizadores em Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina, 2008. 170. f . Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, 2008. p.40

de não poderem pagar pelos serviços.”⁵². Enquanto outra parte da população que faz parte da elite, buscavam implantar a modernização e adotar novos hábitos culturais, tornando assim, a cidade sendo “representada conforme as diferentes formas de contato com a modernização”⁵³ variando para cada classe social.

Dentro desse contexto, o sentimento de estranhamento de Iglésias em relação à iluminação também era compartilhado pela elite da cidade, que se preocupava com questões diferentes daquelas enfrentadas pelo sertanejo menos privilegiado. Nessa perspectiva, a ausência de calçamento, água encanada, luz elétrica e saneamento contribuía para que a modernização fosse apenas um objetivo desejado, mas não alcançado, como afirmou Teresinha de Queiroz: "as pretensões de modernização e alteração na estrutura urbana ainda não passavam de projetos que só puderam se tornar viáveis a partir do momento em que a integração do Estado ocorreu"⁵⁴

Contudo, em sequência, Iglésias reconhece que existiam as instalações para luz elétrica sendo trabalhadas, analisando os relatórios governamentais de 1913, o governador declarou o investimentos e prioridades para a questão da iluminação pública, assim como para a saúde e saneamento do esgoto nas cidades. O próximo comentário de Iglésias foi sobre o sistema de iluminação, novamente carrega as informações privilegiadas de sua experiência no Sul. Ele antecipa e critica o trabalho realizado pelo governo piauiense ao pontuar que:

O que, todavia, não podia entender, e chegava mesmo a incomodar-me, era a maneira pela qual colocavam os postes. Em toda a parte do mundo, os postes de iluminação ficam alinhados à beira dos passeios; somente nas grandes avenidas é que são colocados no meio da via. Pois bem. Em Teresina fincavam-nos no meio das ruas, e ruas muito estreitas. Cada poste tinha um embasamento de alvenaria, tão grande, que, além de prejudicar a estética da cidade, dificultava o trânsito. No momento este não era muito grande, mas os administradores da coisa pública deviam pensar no futuro.⁵⁵

Suas falas parecem vir de alguém do futuro contemplando alguns anos no passado, os motivos para essa diferença, seriam resultado da estrutura organizacional do país, o atraso do nordeste, seria fruto de uma estereotipação, que se manifesta nessas paisagens rurais e urbanas onde reside o Estado que seria o “campo de luta privilegiado para as disputas regionais”⁵⁶ com falta de interesses do governo federal para extinguir os estereótipos e os atrasos presentes no Sertão, pois lucraria com o

⁵² FONTINELES, Pedro Pio Filho. Desafiando o olhar de Medusa: a modernização e os discursos modernizadores em Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina, 2008. 170. f . Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, 2008. p.41

⁵³ FONTINELES, Pedro Pio Filho. Desafiando o olhar de Medusa: a modernização e os discursos modernizadores em Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina, 2008. 170. f . Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, 2008. p. 42

⁵⁴ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 27

⁵⁵ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.38

⁵⁶ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.38

processo de exploração e miséria dessa parte do país que serve apenas para fortalecer a pátria que a enfraquece.

A História regional que Iglésias carregaria em sua bagagem cultural seria uma construção imagética-discursiva do espaço regional como continuidade histórica, que favorecia a imagem de um Sertão atrasado com esse preceito reforçado em contato com a paisagem percorrida pelo Nordeste. É importante salientar a respeito do conceito de História regional e local para contextualizar o leitor a respeito desses termos. Baseando-se no texto de Erisvaldo Fagundes⁵⁷, em seu artigo “História e Região: tópicos de história regional e local. Ponto de Lança”⁵⁸

Para o autor, a História regional abrange uma região territorial que pode ser compreendida através de suas especificidades culturais, políticas e econômicas. Investigando as interações internas e articulações externas buscando “o conhecimento de viveres e saberes em dimensões inatingíveis por outras abordagens sistêmicas ou de abrangências espaciais mais amplas”⁵⁹. Enquanto a História local era uma procura mais restrita de parte dessa região, como uma cidade, um bairro ou uma comunidade, a partir da perspectiva dos sujeitos que vivem nesse espaço. Juntos, esses conceitos estão presentes em *Caatingas e Chapadões*, pois o autor escreve e retrata as tramas sociais da região Norte, como as questões políticas e a batalha contra as secas, e adentra na história local falando sobre as cidades, suas infraestruturas e moradores.

Com isso, sua estadia foi no hotel 15 de novembro⁶⁰, hotel que oferecia boas condições comparado a maioria da cidade, e mais uma vez, outro estranhamento ao descobrir que no quarto reservado mal havia mobília, pois por conta do calor, a mobília era a rede e pela ausência de um sistema de saneamento básico tinha um banheiro com uma “pobreza franciscana” com “dois ou três barris cheios de água, uma cuia e um apoio para a toalha”⁶¹. Outros comentários sobre a cidade foi o mapeamento de sua paisagem natural dentro da urbana e os principais prédios da capital,

A cidade de Teresina está situada na "Chapada do Corisco", à margem direita do rio Parnaíba. As ruas eram bem traçadas, em sentido retangular; infelizmente, quase sem arborização; as praças eram grandes, com algumas árvores de sombra, porém sem ajardinamento; a única exceção era o jardim que ficava atrás da Igreja do Carmo[...]as praças mais importantes, pela

⁵⁷ cursou Licenciatura em História na Universidade Católica do Salvador (1976), Especialização em Conteúdo e Métodos do Ensino Superior na Universidade Federal da Bahia (1977), Mestrado em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985) e Doutorado em História na Universidade Federal de Pernambuco (2003), com um ano de bolsa "sandwich" na Universidad de Salamanca (Espaa). Professor pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (1978-2013). Lecionou diversas disciplinas da área de História, em cursos de graduação, especialização e mestrado nas disciplinas: Economia Brasileira, História Econômica Geral, Formação Econômica do Brasil, História da Bahia, Metodologia da Pesquisa Histórica, Historiografia, História Regional e Local, História Agrária, Teoria e metodologia da História. Desenvolve pesquisas sobre o sertão da Bahia, escravidão na pecuária e nas policulturas do semiárido, história agrária, historiografia, teoria e metodologia da História.

⁵⁸ NEVES, Erisvaldo Fagundes. História e Região: tópicos de história regional e local. Ponto de Lança, v. 6, n. 11, p. 147-166, 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3146/2755>. Acesso em: 03 abr. 2023.

⁵⁹ NEVES, Erisvaldo Fagundes. História e Região: tópicos de história regional e local. Ponto de Lança, v. 6, n. 11, p. 147-166, 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3146/2755>. Acesso em: 03 abr. 2023. p.6

⁶⁰ Hotel famoso em Teresina, com publicidades nos principais veículos de comunicação da época

⁶¹ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.39-40

sua área e localização, tinham os nomes de: "Saraiva", "Aquidaban" e "Marechal Deodoro". Nesta última estava o Palácio do Governo, Assembleia e Escola Normal, até à beira do rio, no porto dos naviozinhos.⁶²

Os pontos citados por Iglésias de modo assertivo contemplou importantes ruas, praças e prédios que estavam sendo investidos e formavam a base da cidade verde que concentrava todos os principais elementos modernos, o autor também percebeu a ausência de rede de esgotos e água filtrada, naquele mesmo ano nos relatórios legislativos, o governador, Dr. Miguel de Paiva Rosa⁶³ informou no investimento para a criação dos mesmos, dando a entender que tais recursos seriam implementados nos próximos anos. Enquanto a ausência desse direito não chegava até as mesas do cidadão piauiense comum, eles precisavam decantar a água para não serem afetados com os germes.

O viajante, por fazer parte de uma comissão as ordens do governo federal, logo caiu nos braços das elites locais, “éramos constantemente alvo de suas gentilezas: Sempre que se realizava .uma festa em Palácio, quer social, quer solenidade cívica, recebíamos honroso convite”⁶⁴. Ou seja, os governantes enxergavam Iglésias como uma esperança de fortalecimento entre os laços federativos e estaduais, sendo que o trabalho do viajante era dar início ao processo de exploração que enviaria o látex até o centro econômico brasileiro. O autor passa mais alguns dias na capital e parte para outra cidade, dando continuidade ao seu ofício, por isso, é importante dar voz aos documentos oficiais para enxergar outro lado da história, fora do alcance do viajante, relacionando os esforços e falhas governamentais aos comentários presentes em *Caatingas e Chapadões*.

Em outro cenário na mesma paisagem urbana que Iglésias passou, a presente pesquisa faz uma contraposição das palavras do autor com os comentários oficiais dos relatórios de 1913 e 1914 feitos pelo governador do estado, Dr. Miguel de Paiva Rosa. Esses relatórios tem o intuito de informar os principais acontecimentos durante o ano da gestão governamental para prestar as contas com a União, abordando vários tópicos da estrutura política, situando onde o progresso despercebido por Iglésias estaria sendo trabalhado.

Dessa forma, a primeira visita feita por Iglésias aconteceu em 1912 e durante essa faixa de tempo, Teresina se encontrava em uma crise financeira, nas palavras do governador, “Como consequência da situação financeira que atravessamos, não tiveram o desejado prosseguimento às obras públicas do Estado.”⁶⁵, esse comentário vem com a prestação de contas acerca do serviço de iluminação pública que enfrentou inúmeros “retardos”⁶⁶ como a demora do transporte da Europa para

⁶² IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.41

⁶³ Ex Governador do Piauí, nascido em 15 de dezembro em Teresina- Pi e faleceu em 9 de junho de 1929, era formado em Direito pela faculdade de Recife , advogado, maçom e jornalista que foi escolhido pelo seu antecessor para assumir em Julho de 1912.

⁶⁴ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.44

⁶⁵ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 13 de julho de 1913 p.25

⁶⁶ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 13 de julho de 1913 p.25



a capital do Piauí, com a falta de transporte e equipamentos para o manuseio das ferramentas entre Parnaíba e Teresina.

Apesar desses atrasos, Miguel Paiva também informa os passos que estão sendo concluídos, como a casa da usina que gerenciaria toda a produção e com a instalação de postes e fios nas principais ruas da capital. O governador não informa nenhuma irregularidade quanto às instalações desses equipamentos. Finaliza essa parte com mensagens positivas sobre o futuro próximo de uma Teresina iluminada.

Em todas as ruas estão distribuídos os postes e os fios já começaram a ser estendidos. Dentro de poucos meses poderá esta capital somar ao seu progresso mais este melhoramento, que espero seja modelar, devido à respeitabilidade e a justa reputação universal de que goza a casa Siemens Schuckertwerke, a quem o governo o confiou⁶⁷

Outros problemas que o viajante comenta também estão presentes nos relatórios, como o serviço de abastecimento de água que estaria incompleto, com uma necessidade de filtros visto que a água, “e apresenta vermelha, contendo matérias em suspensão, que produzem grande depósito, pelo repouso.”⁶⁸. Fica esclarecido que o Estado tem ciência da ausência de progresso relatada pelo autor e estava trabalhando para que a modernização finalmente chegasse. Ainda sobre a saúde pública, todo o Piauí estaria deficiente no que tange os direitos básicos dos cidadãos, “A assistência pública, nesta capital, resume-se na Assistência Santa Casa de Misericórdia e Asilo de Alienados. Em pública em todo o Estado apenas dois hospitais contam, em Floriano e Parnaíba”⁶⁹ e no relatório de 1914 ele diz que “a circunstância de, para uma população de 500 mil almas, não termos em todo o Estado mais do que 14 médicos”⁷⁰.

A ausência de uma sólida presença de instituições e profissionais da saúde, favoreceram ainda mais o tratamento dos nordestinos com Iglésias ao se referirem com ele por “dotô”, o que era mais um nome por respeito assume os postos ofício de doutor, pois andava com uma mesinha de remédios e alcançava os enfermos que o próprio estado não tinha condições de acolher. Exemplos do engenheiro agrônomo assumindo mais uma função, mesmo sem a formação de médico não faltam em *Caatingas e Chapadões*,

Do butantã sia com os alforjes cheios de medicamentos destinados a distribuição gratuita aos pobres que encontrava pelos Sertões do Norte - Quantas vezes ao passar a cavalo nas imediações de uma morada, uma figura, esquelética de mulher suplicava: uma meizinha, dotô! Uma meizinha dotô! ainda com essa súplica nos ouvidos, pedia ao mestre, remédios e instruções para sua devida aplicação.⁷¹

⁶⁷ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 13 de julho de 1914 p.26

⁶⁸ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 13 de julho de 1913 p.26

⁶⁹ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 13 de julho de 1913 p.27

⁷⁰ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1914 p.20

⁷¹ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.104

Além da formação privilegiada no Sul ainda gozava de privilégios médicos que possibilitaram esse auxílio aos sertanejos que cruzaram o seu caminho, pela análise da obra os momentos em que ele ajuda, reforça o estereótipo das condições subdesenvolvidas da saúde pública no estado, mostrando como a saúde ainda era um privilégio do alto nível da sociedade piauiense.

Quando aproximamos essa observação junto com os comentários do governador, o número de estabelecimentos para abraçar esses enfermos era pequeno e se fossem de interiores, o transporte também era um problema, deixando à mercê da sorte os que aguentariam a mazela ou sucumbiriam a ela. O mais desesperador ao ter acesso a perspectiva de Iglésias é perceber a quantidade de pessoas que faleceram por doenças que nas partes desenvolvidas do país já existia uma rede de tratamentos e medicamentos para dar suporte, esse suporte por mais que fosse majoritariamente da elite, deveria ser fornecido as classes vulneráveis do estado.

No que tange ao transporte e à navegação, os relatórios também contemplam parte das mesmas observações que o autor. O governador fala sobre o desamparo federal, reforçando as relações de poder estabelecidas no país, que por um momento havia prometido intervenções no estado, com obras como a via ferroviária que ligaria o Piauí ao Ceará, Amarração a Campo Maior, sendo que essa última já havia sido construída os primeiros cem quilômetros, e uma terceira que ligaria as baías de Parnaíba até São Francisco.

Em relação à navegação, Miguel Paiva também reconheceria que estaria com um problema, pois numa região transpassada por rios interiores, era de um atraso imenso a “a falta de meios de transportes, impondo-se, portanto, necessidade de os facilitar, auxiliando-os para a exigência de uma tarifa mínima. É irrisório que num estado da extensão territorial do Piauí, com os rios que dispomos, apenas de acesso a vapores.”⁷² Como Iglésias comentou no início do livro, “O porto de Amarração, era muito deficiente, não tinha instalações apropriadas para o fim que deveria preencher, nem o mar profundidade capaz de permitir a entrada de navios como o Brasil.”⁷³, só os pequenos podiam entrar.

Dessa forma, ao analisar a fonte oficial, era notório que os administradores do estado estavam cientes do progresso que causam estranhamento em Iglésias e as justificativas para a ausência estariam divididos nos relatórios feitos por Miguel por dois motivos, a primeira, a crise econômica presente no estado e a segunda, o descaso federal para investir e realizar a manutenção dos processos existentes.

Na presente hora, são grandes e justas as apreensões que assaltam o espírito dos patriotas brasileiros, pela embaraçosa crise financeira que asoberba o país- Os Estados mais opulentos e demais sólidos recursos, não escapam a essa situação difícil, —que se prende a causas geraes, reflectindo-se em cada Estado da Federação de modo particular.⁷⁴

Essa crise referenciada seria o impacto de prévias da guerra que forçaram o Brasil a adotar

⁷² PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1914. p.46

⁷³ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.30

⁷⁴ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1914, p.42

novas medidas econômicas, como a presente pesquisa não se atém a detalhar tal crise, o que é aprofundado são as relações e investimentos do governo federal com o estado, o principal motivo da jornada do autor ao Sertão, seria uma tentativa federal para reerguer economicamente o Norte do país. Por conta dessa crise, o Piauí não conseguiria ficar de fora, o próprio governador fragiliza o estado, o chamando de “pobre, possuindo fontes de receita determinadas e falíveis, e compromissos certos e irretroatáveis, ao demais teve as suas rendas decrescidas na razão progressiva do aumento das despesas. Era fatal, nestas condições, o desequilíbrio de suas finanças.”⁷⁵

Com esses fatores mundiais e federais que assolavam o país, o Piauí ainda enfrentava fortes problemas internos, com altos empréstimos e uma forte dívida interna devido aos altos custos dos serviços de água e luz elétrica. Ou seja, mesmo sem ter esses serviços funcionando, participavam dentro das dívidas do estado. Ademais, mesmo com as dívidas e problemas internos, a União teria feito investimentos no estado e não cumprido com sua parte em manter os acordos, deixando o governador desapontado chegando a declarar que “um traço de indiferença com que vitais interesses nossos foram tratados”⁷⁶. As paisagens que Iglésias comenta a respeito dessas cidades piauienses são reflexos de um cenário maior que o autor, uma vez que se problematiza os relatórios fica esclarecido as tentativas governamentais que apesar de insuficientes para trazer o progresso ainda estavam sendo tratadas com urgência pelos governantes.

2 PARA ALÉM DA CAPITAL PIAUIENSE: OUTROS ESTRANHAMENTOS

Em algumas cidades pelas quais Iglésias passa, nem todas são descritas com tantos detalhes como Teresina, todavia, como escreve Raymond Williams em sua obra “Cidade e o Campo”, “Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem esta ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana.”⁷⁷. extraindo desse texto a reflexão de que todas as paisagens, por mais que não sejam detalhadas, são parte de um todo que estão sendo contemplados pela pesquisa.

Dessa forma, a próxima cidade foi Floriano, para Iglésias, essa cidade se transformou em um centro comercial importante, por ser o “intermédio do sertão”⁷⁸ entre os rios de Gurguéia e Uruçuí, Teresina e Parnaíba. Esse foi único comentário realizado a respeito das características da cidade, que nas fontes *oficiais* tem amplas citações no que se refere a investimentos e realizações, uma das possíveis explicações para isso é que a rápida passagem do autor fez com que não se atentasse aos detalhes de infraestrutura, ou talvez, a paisagem seja a mesma encontrada em Parnaíba e na grande parte de Teresina que ainda não tinha movimentação do progresso.

⁷⁵ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1914, p.43

⁷⁶ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1914 p.43

⁷⁷ WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.11

⁷⁸ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.155

Após a breve passagem em Floriano, a próxima parada foi Caxias, uma cidade do Maranhão que recebeu comentários principalmente a respeito das calçadas que fugiam ao padrão observadas no resto do Sertão, o que acabou causando o estranhamento do viajante,

As ruas são calçadas com pedras arredondadas; a superfície, em vez de ser convexa, como a generalidade das ruas de outras cidades, é côncava, de sorte que, quando chove, as águas correm pelo meio como se fosse um riacho. O calçamento data do Segundo Império, que o mandou executar para dar serviço aos flagelados pela seca - o eterno problema. 1 A cidade é tipicamente colonial⁷⁹.

Suas observações remetem a um tempo passado do império brasileiro, a preservação desses traços reforçam as diferentes temporalidades que coexistem no mesmo país.

Regressando ao Sertão piauiense, o autor passa por Uruçuí e com seus estranhamentos retomam a questão do progresso da cidade, fazendo uma análise de sua infraestrutura semelhante à realizada na capital do estado.

Uruçuí, na época da nossa passagem, poucos indícios de progresso demonstrava. As ruas eram um Deus Nos-acuda: sem calçamento, completamente abandonadas e arenosas, de sorte que chegavam quase a embargar-nos os passos. [...] As casas, com raríssimas exceções, apresentavam aspecto pobre. Somente a do chefe político, Sr. Rogério de Carvalho, era um bom prédio de alvenaria, tendo contíguo o empório comercial bem sortido, como se diz em linguagem de balcão. Outras eram de adobe cobertas de telha ou palha, que ofereciam certo conforto; constituída de pobres casebres de pau -a-pique e de choupanas construídas inteiramente de palha da palmeira de babaçu.⁸⁰

Nessa cidade, as relações de poder são esclarecidas aos olhos de Iglésias, pois a única casa do chefe político apresentava para ele um aspecto de progresso. Enquanto isso, para o resto da população só restava a miséria e o desamparo, o autor também não vê serviço de iluminação urbana, esse recurso para grande parte da população era nutrido por “conta e risco da lua”⁸¹ e nas residências, as velas e lampiões assumiram o protagonismo.

A cidade não tinha sinal de indústrias e para o viajante, o comércio parecia ser a única fonte de riqueza e desenvolvimento que gerava o sustento daquela população. O porto de Uruçuí negociava exportações de boi, cabras e lagartos mas com taxas acima do que o mercado estadual aguentava, acentuado pela crise financeira citada nos relatórios governamentais, resultou para que as rendas se evadirem, nas palavras dele, “aí a evasão das rendas deste último, que atravessavam o rio a nado, reduzindo a quase nada o rendimento das coletorias piauienses”⁸²

Para compreender as situações experienciadas pelo autor, é preciso ir além das palavras de Raymond Williams, quando ele diz que “é necessário investigar, nesses casos, não a veracidade

⁷⁹ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.136

⁸⁰ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p. 281

⁸¹ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.281

⁸² IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.282

histórica, e sim a perspectiva histórica"⁸³. Nesse caso, o progresso não era visto pelo seu ponto de vista, pois sua perspectiva era individual em um cenário político mais complexo e cheio de circunstâncias históricas e econômicas que barraram o progresso de atingir as cidades, mas que, na análise dos relatórios governamentais, fica claro que os políticos tinham consciência da ausência desse processo de modernização nacional. Em 1913 no relatório, Miguel Rosa comenta sobre o medo da crise que o Brasil estaria enfrentando e a queda do mercado da maniçoba e as ressonâncias que isso traria a economia brasileira.

Na presente hora, são grandes e justas as apreensões que assaltam o espírito dos patriotas brasileiros, pela embaraçosa crise financeira que assoberba o país- Os Estados mais opulentos e demais sólidos recursos, não escapam a essa situação difícil, —que se prende a causas geraes, reflectindo-se em cada Estado da Federação de modo particular. Principalmente o norte tem as suas finanças mais agravadas pela competência que a borracha do Oriente está fazendo a uma das suas principais fontes de receita, —pela qualidade e pelo preço do produto, inegavelmente mais vantajoso do que o nosso. Dahi julgarem todos que a crise não é tão passageira, como fosse para desejar, —pelo menos para esta indústria, —porquanto os nossos competidores levam sobre nós vantagens que, talvez, não lhes possamos disputar nestes poucos anos.⁸⁴

Piauí era, nas palavras do governador, "pequeno e pobre"⁸⁵, com uma economia dependente do mercado internacional que estava em declínio. Somando-se a essas questões, os processos de modernização pelos quais o estado passava, como a construção dos serviços de iluminação e abastecimento, era inevitável que ocorresse um "desequilíbrio nas finanças"⁸⁶. Em 1917, Euriclides de Aguiar, sucessor de Miguel Rosa, menciona que, "Não vos é estranha a situação triste em que encontrei o estado, com todos os serviços públicos desorganizados, sob o peso de uma dívida excessiva para os nossos fracos recursos."⁸⁷. Reforçando que as situações políticas também não estavam favoráveis para os investimentos no progresso

Paralelamente, Raymond reconhece que "A vida de um gentil homem rural é, portanto, celebrada em oposição explícita à vida da corte e da cidade"⁸⁸. As cidades urbanizadas teriam elementos que afetariam a vida de uma civilização acostumada com os desafios do campo. Em contraposição, o Piauí se encontrava em uma situação complicada que não conseguia oferecer as melhores condições nem aos sertanejos das paisagens rurais, Iglésias se depara com a miséria de Aparecida e sente "uma profunda desolação"⁸⁹ pois aquele povoado não parecia ser tocado nem pelo progresso como também pelos cuidados do estado.

Aparecida causou-me uma profunda desolação. Não sei por que existe este povoado, e se ele desaparecesse seria um grande bem. Não consegui ver a razão econômica desta cidade. Tive a

⁸³ WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.23

⁸⁴ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1913, p.41

⁸⁵ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1914, p.41

⁸⁶ PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1914, p.42

⁸⁷ PIAUÍ, Euriclides Clementino de Aguiar. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1917. p.2

⁸⁸ WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p.46

⁸⁹ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.166

impressão de que estava em franca decadência. Encontrei o *Triatoma megista* em grande quantidade. A população tem um aspecto doentio; atualmente não há papudos. Informaram-me que há pouco morreu uma velha papuda. Dizem as pessoas com quem tenho falado que os chupões atacam as galinhas no choco de tal maneira, que estas morrem exauridas, sem um pingão de sangue.⁹⁰

A miséria e dor nesse povoado era acompanhado de completo desamparo, os problemas de saúde e a ausência de mobilização estadual para conter as pragas presentes naquele território, evidenciam uma fraqueza na administração piauiense que botam por debaixo dos panos as problemáticas dessa cidade menor. Deixando as memórias dos moradores a mercê do esquecimento, sendo preservados por escassas literaturas historiografias que carregaram o “destino do espaço ao tempo”⁹¹ essas narrativas em um lugar esquecido pelo governo e ignorado pelas fontes oficiais.

Dessa forma, os relatórios dos anos subsequentes contemplam a situação da infraestrutura das cidades piauienses durante o resto da viagem, no geral o Piauí que se encontrava em uma situação de dependência das circunstâncias não conseguia meios para se sustentar economicamente, como foi dito pelo novo Governador eleito, Eurípedes de Aguiar⁹² que no início do tópico no relatório pontuou que o dinheiro do estado servia somente para a manutenção dos serviços já existentes como a luz e o saneamento. “Não temos serviço de saúde pública, o que há entre nós com este nome é coisa tão embrionária, imperfeita e destituída de utilidade prática que melhor fora se não existisse, reorganizar ou melhor, criar este ramo de serviço público”⁹³.

Essa situação de vulnerabilidade econômica presente desde a primeira visita de Iglésias em 1912 até 1919 mostra como o povo piauiense tinha seu progresso retardado, pela economia, pela natureza que os deixavam refém das condições climáticas,

[...]impedem o desenvolvimento das indústrias que põe o homem em contato direto com o solo, embaraçando o aproveitamento das nossas riquezas naturais da fertilidade de grande parte de nossas terras dos magníficos campos de pastagem de que dispomos, determinando assim, a nossa pobreza e nosso atraso.⁹⁴

A falta de infraestrutura da administração piauiense para lidar com as mazelas, o processo de modernização no qual Iglésias conhece não consegue chegar até o Norte. Quanto à navegabilidade, a iluminação e o abastecimento de água, no relatório de 1918 continuava um alvo de luta “A luz elétrica, estamos lutando com grande dificuldade para a manutenção desse serviço em consequência da carestia dos materiais elétricos e do combustível para as máquinas. Tendo subindo demasiadamente o preço do

⁹⁰ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.167

⁹¹ IGLÉSIAS, op. cit. 1953, p.156

⁹² Ex Governador do Piauí, Eurípedes Clementino de Aguiar, Médico Formado na Faculdade de Medicina em Salvador, BA em 1902. Jornalista. Poeta. Governador do Piauí (1916-1920), Senador (1924-1930 cassado pela ditadura Vargas). Casou-se com Glacy Lopes, f. em Nazária

⁹³PIAUI, Euriclides Clementino de Aguiar. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1917, p.18

⁹⁴PIAUI, Euriclides Clementino de Aguiar. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1917, p.18

óleo bruto que se lembrava com o combustível.”⁹⁵. Esse serviço de fato precisava de ajudas econômicas para sua sustentabilidade, no entanto, outra grande dificuldade era a questão dos transportes e navegabilidade.

O rio parnaíba nossa principal fonte de comunicação presente régio da natureza que nos fez a natureza, mas de que não soubemos ainda utilizar convenientemente, vai de dia para dia, perdendo, a olhos vistos as condições de navegabilidade. as raras tentativas feitas no sentido de melhorar-lo deram todas resultados incompletos, são contraproducentes.No interior do estado as vias de comunicação sao representadas exclusivamente por veredas irregulares, traçadas a casco de burro, atravez de atoleiros, rios e riachos sem pontes, cheias de buracos e ladeiras. Por falta de caminhos o uso dos veículos de rodas é quase desconhecido no Sertão fazendo se todos os transportes em costas animais.⁹⁶

Com essa passagem, fica explícito que até mesmo a questão da navegabilidade estaria sendo barrada por inúmeros problemas, a situação presente no estado não era das mais favoráveis, mas ainda assim resistiram na luta contra o retrocesso e a estagnação. Caso conseguissem vencer essa adversidade, abriria uma nova oportunidade para o desenvolvimento do estado do Piauí.

O Piauí seguia sendo uma terra rica em cultura e recursos naturais, mas, infelizmente com uma temporalidade que dificultaria a entrada do progresso, carregado com um potencial gigantesco para ser economicamente desenvolvido e com ótimas condições de infraestrutura. Entretanto, dentro do contexto histórico, no momento que Iglésias passa por essa parte do Sertão, a região ainda se encontrava dentro de um cenário de transição e resiliência. E mesmo com essas dificuldades, no curto período de tempo que Iglésias passa existem avanços, como o início do serviço de iluminação, a distribuição de água e investimentos na saúde e navegação. Apesar de não ser um progresso acelerado, o tempo da modernização estava chegando no momento em que o contexto e as condições permitiam.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caatingas e Chapadões são estudados minuciosamente por *Clio*, suscitando olhares críticos e problematizações, com o objetivo central de compreender as representações e a memória das cidades piauienses na obra de Iglésias. Essa obra revelou-se uma fonte histórica enriquecedora, apresentando traços e narrativas do passado sertanejo no início do século XX. Foram discutidas perspectivas dos traços autobiográficos do autor, seu lugar social.

. Infelizmente, devido ao período em que foi realizado, os periódicos de 1910-1920 do *Arquivo Público de Teresina* não estavam disponíveis para análise, pois estavam em processo de digitalização. Apesar da ausência dessas fontes, a pesquisa se mostrou valiosa para reconstruir aspectos do passado do Piauí, ao dialogar principalmente com os relatórios oficiais, consagrando seu lugar dentro dos estudos de História, Memória e Literatura.

⁹⁵ PIAUÍ, Euriclides Clementino de Aguiar. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1918, p.15

⁹⁶ PIAUÍ, Euriclides Clementino de Aguiar. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1918, p.24.



Trabalhar com as memórias de Iglésias é um desafio, considerando as complexas relações e distinções entre história, memória e literatura. A memória nem sempre é confiável, e a história molda a memória de maneiras que nem sempre se alinham. No caso de *Caatingas e Chapadões*, uma obra literária, não há necessidade de compromisso com a verdade factual. O ponto de convergência entre esses três campos é o acesso aos momentos do passado. Portanto, a pesquisa se preocupou em evitar romantizações em relação ao autor e suas visões, que muitas vezes refletiam a perspectiva da elite à qual ele pertencia.

A busca por estabelecer o seu lugar social visava compreender suas perspectivas e submetê-las à análise histórica. A pesquisa adotou uma abordagem interdisciplinar, unindo história, memória e literatura. E dentro do objeto de estudo, fica claro que a obra abrange mais do que as experiências pessoais do viajante, incorporando também os campos da Geografia, Biologia e até mesmo da Psicologia, para analisar completamente a obra de Iglésias é necessário os usos e abusos da interdisciplinaridade.

Após estabelecer as relações entre a memória do autor e sua literatura, inicia-se um diálogo entre a obra e os relatórios oficiais, a fim de compreender as condições das cidades e a forma como o autor as retrata. Fica evidente que o Piauí daquela época estava passando por uma transição entre o ambiente rural e urbano. Nas áreas rurais, os menos favorecidos lidavam com problemas cotidianos que dificultavam suas vidas, enquanto nas áreas urbanas a modernidade lutava para encontrar seu espaço. Em ambos os cenários, as melhores condições de sobrevivência estavam concentradas nas mãos daqueles que detinham o poder, enquanto era encontrado dificuldades básicas para se ter condições de resistir aos desafios da época, que eram enfrentadas pelos menos favorecidos



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 2011. p.166.

BLOCH, Marc. Introdução à história. Lisboa: Europa-América, 1997.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003. p.129.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante). p.23

EVES, Erisvaldo Fagundes. História e Região: tópicos de história regional e local. Ponto de Lança, v. 6, n. 11, p. 147-166, 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3146/2755>. Acesso em: 03 abr. 2023.

FONTINELES, Pedro Pio Filho. Desafiando o olhar de Medusa: a modernização e os discursos modernizadores em Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina, 2008. 170. f . Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, 2008

IGLÉSIAS, Francisco de Assis. Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953, p.14.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



FONTES DOCUMENTAIS

PIAUÍ, Euriclides Clementino de Aguiar. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1917;

PIAUÍ, Euriclides Clementino de Aguiar. Mensagem à Câmara Legislativa. 1 de julho de 1918.

PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 13 de julho de 1913;

PIAUÍ, Miguel de Paiva Rosa. Mensagem à Câmara Legislativa. 13 de julho de 1914.